

CONTEXTO BILÍNGUE PORTUGUÊS/JAPONÊS: UM ESTUDO SOBRE FORMAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM POR CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE

Lissa Kimura Tanaka (IC) e Ronaldo de Oliveira Batista (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

Sendo o bilinguismo um dos resultados do fenômeno da globalização, este trabalho procurou analisar, de forma inicial, a aquisição de linguagem em um ambiente bilíngue português/japonês, investigando a utilização das formas de polidez linguística de crianças na idade pré-escolar inseridas nesse contexto familiar. O projeto possui como objetivo interpretar como tal aquisição de linguagem ocorre em crianças nessa fase de aprendizagem e como elas adquirem os dois idiomas de forma integral, incluindo a compreensão das diferenças de formas de polidez linguística encontrada nas duas línguas, sendo que na língua japonesa há mais desdobramentos, e o contexto em que são utilizadas pelos falantes em determinada interação verbal. De caráter qualitativo, para atingir o objetivo citado, foi necessário o aprofundamento teórico a respeito da aquisição de linguagem em situação de bilinguismo, do uso das formas de polidez nos dois idiomas estudados, e principalmente a análise de dois materiais didáticos de língua japonesa para falantes estrangeiros, sendo que um é destinado para crianças na idade pré-escolar e outro para falantes adultos. O material destinado para as crianças possui formas de polidez linguística mais simples, porém, tão necessárias quanto as mais complexas, pois são mais comuns e mais utilizadas em situações conversacionais rotineiras, em que não é exigido um termo excessivamente polido.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem. Polidez Linguística. Bilinguismo

ABSTRACT

Since bilingualism is one of the results of the globalization phenomenon, this study initially sought to analyze language acquisition in a bilingual Portuguese/Japanese environment, trying to investigate the use of linguistic politeness of preschool children inserted in this family context. The project aims to interpret how such language acquisition occurs in children in this phase of learning and how they acquire both languages in an integral way, including the comprehension of the differences in forms of linguistics politeness found in both languages, and in the Japanese language there are more consequences, ant the context in which they are used by speakers in a given verbal interaction. Qualitative in nature, to achieve the mentioned objective, it was necessary the theoretical study about language acquisition, the use of forms of politeness of the two languages studied and mainly the analysis of two

textbooks of Japanese language to foreigners students, which one is destined to children in preschool and the other is to an adult speaker. The textbook destined to children has simple politeness forms, however, as necessary as the more complex ones, as they are more common and used in conversational situations, that is not demanded a excessively polished term.

Keywords: Language Acquisiton. Bilingualism. Politeness Phenomenon.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Iniciação Científica propõe um estudo inicial a respeito da aquisição¹ de formas de polidez (ou cortesia linguística) no contexto de aquisição de língua por crianças (idades entre 3 e 6 anos) em situação bilíngue português/japonês. Pretende-se problematizar o que se compreende como uma aquisição de língua bilíngue por crianças e investigar como esta se processa em um ambiente linguístico originado pelo uso de duas línguas que se distinguem notadamente por diferenças em relação a formas de polidez linguística adotadas socialmente pelos falantes nas situações de interação verbal.

De caráter qualitativo, a pesquisa foi realizada utilizando de forma aprofundada a análise do referencial teórico aqui exposto, para que fosse possível tentar responder a respeito do uso da polidez linguística na aquisição de linguagem de crianças na fase inicial de aprendizado da língua. Inicialmente, dissertamos sobre o bilinguismo, de que forma ele é adquirido e as classificações existentes em decorrência da amplitude que significa “ser bilíngue” no contexto atual. Após a realização dessa etapa, foi discorrido a respeito dos princípios da polidez linguística, tratando de maneira detalhada as especificidades encontradas em cada idioma: português e japonês.

A princípio, este projeto possuía como objetivo a observação da rotina escolar de crianças na idade pré-escolar, mas devido às dificuldades encontradas, como a existência de escolas bilíngues que utilizassem o português e japonês, focamos na parte de análise do material escolar para tentar responder ao questionamento dessa pesquisa inicial. Além do obstáculo referente às escolas, não foi possível obter muitos materiais didáticos de língua japonesa para crianças publicados em português e livros que abordassem como ocorre o uso da polidez linguística por crianças nessa idade.

Por último, conforme dito anteriormente, foram analisados dois materiais didáticos para a elaboração do quadro de polidez localizado no final deste projeto, sendo que o primeiro foi publicado em japonês e é destinado para crianças na idade pré-escolar, já o segundo, publicado em inglês, é destinado para adultos que precisam aprender o idioma de forma prática, com foco nas máximas conversacionais que envolvem a interação entre indivíduos. A partir dessa análise, foi possível compreender de que forma tais regras de conversação são aplicadas no processo de comunicação.

Além disso, observamos que, para a compreensão das máximas conversacionais em qualquer idioma, primeiro é necessário que o falante esteja inserido ou pelo menos saiba alguns fatores culturais de determinada língua, como as crenças e os valores do povo e como

¹ Não será feita neste projeto uma distinção rigorosa entre as implicações denotativas dos termos “aquisição” e “aprendizagem”.

o mesmo se comporta diante de situações genéricas ou específicas e depois entender as regras práticas de utilização. Sendo assim, tratando-se das crianças inseridas nesse contexto bilíngue, e conseqüentemente, em contato constante com duas culturas distintas, inicialmente, é preciso compreender o porquê e quando utilizar determinado termo polido. Ademais, o material didático em japonês para crianças não abrange termos de polidez complexos em comparação ao outro material em inglês para adultos, pois procura focar nos sufixos flexionais “masu” e “desu”, que são mais simples e mais utilizados no dia a dia da população japonesa, porém tão polido quanto outros sufixos flexionais mais complexos.

Alguns dos questionamentos gerados foi justamente o porquê do uso dos termos de polidez mais simples por parte das crianças no material didático analisado. Para tentar responder a esse questionamento levantado, tentamos comparar esse mesmo material com outro material didático e pensar por que a presença de apenas dois sufixos flexionais em um e a existência de formas mais complexas em outro.

O foco principal do projeto foi tentar responder como as formas de polidez são adquiridas por crianças no contexto de bilinguismo português/japonês e de que maneira elas reconhecem o uso correto de determinado termo em situações específicas, sendo que os dois idiomas possuem diferenças significativas em seus modelos de polidez. Para responder o questionamento desse projeto inicial, foi necessária a análise de materiais didáticos para observar de que forma as diferenças hierárquicas entre os falantes e as regras sociais que envolvem os usos de termos mais polidos e menos polidos de acordo com a situação encontrada são ministrados na sala de aula para as crianças.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Bilinguismo

O fenômeno do bilinguismo é resultado do contato entre línguas, e os estudos referentes ao bilinguismo procuram responder a perguntas como: O que ocorre quando duas línguas entram em contato? Como os falantes conseguem lidar simultaneamente com essas duas línguas em seu dia a dia? Quando e como os dois idiomas serão utilizados pelo indivíduo bilíngue? Há alguma perda cognitiva no indivíduo pela presença de dois idiomas?

Não é possível compreender uma pessoa bilíngue por apenas uma perspectiva ou definição, pois há uma variedade de contextos sociais e individuais inseridos na interpretação da definição do bilinguismo. Por isso, para o linguista é necessário fazer uma distinção entre o bilinguismo que se refere a características sociais, ou seja, de uma dada comunidade, e o bilinguismo que se refere a características individuais, em que há uma preocupação pelos processos cognitivos e psicológicos envolvidos no uso dos dois idiomas (HAKUTA, 1990).

Segundo René Appel e Pieter Muysken (2005) podemos detectar o bilinguismo social em três situações. A 1ª é uma sociedade dividida por dois grupos sociais, em que cada uma possui um idioma diferente, sendo que tal circunstância é comum em países coloniais. A 2ª situação é definida por uma comunidade em que todos são bilíngues e as pessoas possuem o domínio de mais de duas línguas. Já a 3ª situação ocorre em uma comunidade dividida por monolíngues e bilíngues, sendo que a comunidade bilíngue é considerada minoria em tal sociedade. Para os linguistas especializados em tal estudo é importante destacar que tais situações não são fixas e que na verdade o que ocorre é uma mistura de todas as características citadas acima, demonstrando a diversidade e a complexidade da compreensão de sociedades bilíngues.

Outro teórico que explica o bilinguismo por um ponto de vista social é o linguista Lambert (1975), que realiza a distinção entre *additive and subtrative bilingualism*, tal distinção focaliza nos efeitos da aquisição da L2 (uma língua estrangeira adquirida como segundo idioma) em relação à L1 (a língua materna, nativa), procurando compreender se há perdas ou ganhos nesse processo para o indivíduo em relação ao idioma. Lambert (1975) ainda afirma que o *additive bilingualism* ocorre quando há um enriquecimento com a aquisição do segundo idioma, sem interferir ou causar perda na língua nativa (L1), já *subtrative bilingualism* refere-se à substituição da L1 pela L2, ou seja, uma perda da língua nativa e minoritária e a imposição da língua majoritária, países como Estados Unidos, Austrália e Canadá experimentam essa forma de bilinguismo.

Em relação ao outro tipo de bilinguismo citado inicialmente, o bilinguismo individual está centralizado no indivíduo e nos processos cognitivos e psicológicos envolvidos na escolha do idioma. É importante destacar que a complexidade na definição de uma pessoa bilíngue encontra-se na variedade de contextos sociais e individuais em que os mesmos se encontram. Grosjean (1996), quando utiliza a sua definição do que é ser bilíngue, aponta casos opostos e declara a existência de inúmeras circunstâncias em que há a evidência de bilíngues.

É necessário compreender as circunstâncias de cada indivíduo para obter um estudo adequado sobre o bilinguismo e, assim, poder contribuir para uma educação eficaz que leve em consideração todos os aspectos e não apenas a avaliação de pessoas bilíngues por testes de proficiência que não são eficazes por não abrangerem justamente tal variedade, que influencia diretamente no domínio de habilidades linguísticas. Conforme Grosjean (1996), a maioria das pessoas bilíngues não são intérpretes ou tradutores, isso porque as pessoas utilizam determinada habilidade em momentos específicos, para fins específicos e com pessoas específicas.

Há algumas teorias que explicam o bilinguismo individual e suas características. A primeira teoria é a de Weinreich (1953), que se preocupa com a forma em que os códigos linguísticos estão organizados no falante bilíngue e de que forma ele utiliza esse dois códigos distintos. Logo, realiza uma distinção entre *compound and coordinate bilingualism*, sendo que na primeira forma, não há distinção entre os códigos linguísticos, eles são organizados juntos, como em uma unidade. Em contraposição, no segundo modelo proposto por Weinreich (1953), os dois códigos linguísticos estão organizados separadamente na mente do falante e possui significados independentes e diferentes.

Lambert (1985) também utiliza dicotomias para representar a diferença de bilinguismo, definindo a diferença entre *early and late bilingualism*, em que a idade de exposição ao idioma é o fator predominante na definição dessa teoria. De acordo com Lambert, o *early bilingualism* é classificado como a aquisição da L2 na fase pré-adolescente, em que se manifesta um bilíngue nativo. *Late bilingualism* é quando o falante adquire a segunda língua após o período crítico de aquisição, mais comum na adolescência e após a fluência na L1, em que a maioria dos falantes não são considerados como nativos, já que utilizam de experiências da L1 para adquirir a L2.

Seguindo de acordo com os modelos propostos por Lambert (1985), McLaughlin (1984) realiza uma subdivisão na classificação de *early bilingualism*, considerando a existência de *simultaneous early bilingualism and successive early bilingualism*. A primeira classificação seria quando a aquisição dos dois idiomas ocorre ao mesmo tempo, e a segunda em momentos distintos, porém sucessivos, ou seja, quando a criança já possui o domínio da L1, e adquire logo em seguida a L2. Nos dois casos apresentados é produzido o bilinguismo, já que há o contato direto de duas línguas, mas a segunda necessita de mais tempo para se consolidar na criança, pois ela já possui o domínio de um idioma e está em processo de aquisição de uma segunda língua com a qual nunca teve contato, em alguns casos.

A dificuldade do sistema educacional está em tentar encontrar um único critério que possa determinar a proficiência dos indivíduos bilíngues, o que como já foi dito, é extremamente complexo e variável já que há inúmeras possibilidades de contextos sociais e individuais em que essas pessoas se encontram em determinada comunidade. Tal compreensão reflete no modo como a escola lida com essas crianças, que além de passarem por um processo de mudança de idioma, passa também por uma transformação e imersão cultural gigantesca, gerando pessoas biculturais ou até multiculturais, de acordo com a situação em que se encontram.

Nem todo bilíngue é bicultural, aliás, muitas pessoas são bilíngues e não são biculturais. Porém, muitos linguistas e psicólogos realizam pesquisas acerca dos benefícios e

malefícios do biculturalismo cognitivamente no aprendizado. A respeito do desenvolvimento cognitivo, Grosjean (1996) destaca alguns traços de pessoas biculturais, no entanto, o linguista ressalta três características: pessoas expostas ao biculturalismo convivem com duas ou mais culturas, eles se adaptam, em questão de atitudes, comportamentos, valores e etc. Por último, eles misturam aspectos dessas culturas, sendo que de acordo com o autor, pessoas expostas a esses tipos de condições nunca conseguirão ser 100% francês na França ou 100% alemão na Alemanha, por exemplo.

A maioria dos bilíngues biculturais possui laços mais fortes em alguns aspectos de uma cultura e outros da cultura de outro idioma, determinando assim sua preferência na utilização de um ou outro. Mas um aspecto importante a ser destacado na identidade dessas pessoas é a aceitação de apenas uma cultura como determinante, há uma dificuldade em aceitar e compreender que, na verdade, o falante não pertence apenas a uma cultura A ou B, e sim às duas, mesmo que não seja de forma igualitária.

Mas qual é a relação do biculturalismo com a educação? (Hakuta, 1990). É importante possuir uma compreensão adequada das culturas que envolvem o cotidiano de uma criança ou adolescente, para assim poder facilitar seu processo de aprendizagem. O que ocorre muito é que as escolas que utilizam a língua majoritária do país acabam por eliminar quase totalmente a língua nativa da criança, sendo que, na verdade, a escola deveria incluir a cultura da língua nativa dessas crianças para um aprendizado eficaz do segundo idioma que está sendo introduzido, com atividades que envolvam a família. No entanto, Hakuta (1990) afirma que há apenas uma pequena proporção de programas educacionais bilíngues nos Estados Unidos que mantêm a língua nativa como um objetivo explícito, a maioria acaba por valorizar e manter apenas a língua majoritária.

Com isso, é necessária a avaliação de aspectos como: critérios para determinar a proficiência de bilíngues, o biculturalismo e até multiculturalismo presente em crianças, pré-adolescentes ou adolescentes no processo de aquisição da L2. Em relação à proficiência, os falantes utilizam os idiomas para fins específicos, determinando assim o domínio linguístico em apenas algumas das habilidades ou em uma, sendo necessário avaliar o porquê da escolha de determinado idioma, levando em conta os contextos sociais e individuais de cada indivíduo bilíngue, porém ter cautela na definição dos critérios.

2.2 A polidez linguística

O princípio de polidez é baseado nos estudos de Brown e Levinson (1987) e é elaborado na compreensão das regras que envolvem o processo de comunicação durante a interação social. De acordo com os estudos de Goffman (1967), a polidez é determinada pela

elaboração da face, associada à autoimagem do indivíduo, podendo ser classificada como positiva ou negativa.

A construção dessas faces é realizada pelo próprio indivíduo durante a interação verbal, em que sempre procura tentar salvar ou manter uma autoimagem positiva em relação ao outro e a si mesmo. Tal formação não é completamente individual, pois estará sempre associada a padrões culturais impostos pela sociedade em que está inserido.

Essa cooperação presente entre os falantes durante a comunicação é proposta pela teoria de cooperação de Grice (1975), porém, por mais que na elaboração da face, sua aplicação esteja intimamente relacionada com fatores como: poder, distância social e cultural, definindo assim as regras de polidez a serem utilizadas durante a comunicação, alguns aspectos são universais nesse processo.

A polidez é manifestada durante o ato conversacional dos indivíduos e é necessária durante tal ação, pois está profundamente relacionada com a distância social e a intimidade dos interlocutores, para que assim possa se obter uma eficácia das relações interindividuais no discurso.

A teoria de aquisição de linguagem de Skinner referente ao behaviorismo declara que a aquisição de linguagem é um processo passivo de imitação dos adultos, ou seja, a criança aprende através das imitações e do condicionamento da resposta através dos estímulos proporcionados. Em contraposição, Noam Chomsky determina a presença de uma capacidade inata presente no ser humano (Gramática Universal). A polidez sendo manifestada durante o ato conversacional de dois ou mais indivíduos, sua utilização acaba se tornando um hábito, já que faz parte de um conjunto de regras que envolvem a gramática de uma determinada língua.

Tais regras são estabelecidas e impostas durante a fase de aquisição de linguagem da criança, que aprende através da interação social com os pais, caso haja estímulo para tal e na escola, para que haja uma relação com respeito entre os indivíduos.

2.3 Aspectos da polidez no japonês

De acordo com Matsumoto (1988, p.409), na língua japonesa, há algumas expressões que demonstram o reconhecimento da relação, algumas dessas expressões são:

Doozo yoiroshiku onegaishimasu (pedir que alguém tome conta de você)

A expressão citada acima é um exemplo claro de que não é possível utilizar os princípios de polidez universal para a cultura japonesa, já que tal pedido é quase uma imposição ao outro, invadindo assim o espaço do receptor.

Outra forma de reconhecimento de relação explicitado por Matsumoto (1988) são os verbos dar e receber. O verbo *kureru* (dar) pode ser usado como auxiliar pelo falante para demonstrar gratidão pelo agente da ação. Um falante de japonês se quisesse falar “Hiroshi me levou para casa” deveria utilizar o verbo *okurete-kureta*, a não utilização do verbo principal *okuru* (pegar/enviar) com o verbo auxiliar *kureru*, implicaria impolidez e falta de respeito com o praticante da ação. Em contrapartida, o verbo *itadakimasu* seria uma forma de respeito de quem recebe um jantar ou de agradecimento a quem fez a comida.

Quando há uma situação de prestação de serviços, os favores acarretam uma dívida real ou moral ao beneficiário, colocando-o em uma posição de inferioridade. Além disso, a posição de inferioridade é observada quando um presente é entregue, já que o falante sempre procura elevar a pessoa para quem o presente está sendo entregue.

Ex: *Anoo, tumaranai mono desu ga...* (Isso não é nada demais, mas, por favor, aceite”

Ou quando o contexto estiver relacionado à comida

Ex: *Okuti ni awanai kamosiremasen ga, ohitotsu doozo* (Isso pode não lhe agradar, mas, por favor, aceite apenas um)

Nas duas expressões é observada a deferência e a continuidade da posição de inferioridade do locutor e de suas ações na tentativa de agradar o receptor. Outro ponto a ser destacado dos aspectos de polidez da língua japonesa são os honoríficos, codificações morfológicas e lexicais para reconhecer o status social e assim poder mantê-lo.

Segundo Brown e Levinson (1978, p. 284), os honoríficos “originam-se como resultados produtivos de estratégias de preservação facial que depois se estabilizam e mudam o significado, relacionando-se assim com a polidez negativa”. Porém, para Matsumoto (1988, p. 414), “[...] os honoríficos japoneses não são um reconhecimento negativo da liberdade de imposição do destinatário que é transmitida por essas formas, mas um reflexo da ordem de classificação”. “[...] É a partir dos honoríficos que é possível reconhecer a posição de acordo com o contexto social, para assim obter uma relação adequada”.

Alguns exemplos de honoríficos de acordo com a classificação social, do menos polido para o mais polido:

1. *Kyoo wa doyoobi da;*
2. *Kyoo wa doyoobi desu* – VERBO SER NA FORMA POLIDA;
3. *Kyoo wa doyoobi degozai masu* – VERBO NA FORMA SUPER POLIDA.

A forma do verbo utilizada no exemplo 1 é mais casual e informal, utilizada por locutores que possuem intimidade. Já no exemplo 2, uma forma mais polida, é adequada para pessoas que não se conhecem e não possuem intimidade. Na linguagem escrita é usada em

Além disso, outra situação destacada pelo autor foi a solicitação de férias nas empresas por funcionários, onde a hierarquia vertical é presente. Os falantes japoneses utilizam expressões de modéstia e honoríficos de humildade para pedir permissão, enquanto os brasileiros entrevistados apenas comunicavam a ausência.

Nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa, não há a explicação do uso real e das condições que envolvem os pronomes de tratamento, baseando-se apenas em quadros explicativos. BECHARA (2004, p.135-136) utiliza da seguinte definição “as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou posições que ocupam”

2.5 Diferença de polidez nos idiomas: português e japonês

A sociedade japonesa possui um reconhecimento e manutenção da posição dos outros, firmada no coletivo, oposta à cultura ocidental, baseada no indivíduo e preocupada com a preservação da própria face. Sendo assim, de acordo com alguns autores japoneses, não é possível estabelecer uma relação entre a polidez universal proposta por Brown e Levinson (1987) e a polidez japonesa.

Essa relação não é possível de ser estabelecida devido à inexistência de expressões de tratamento em algumas línguas ocidentais, o que é marcante na língua japonesa, já que os falantes determinam qual expressão utilizar de acordo com a pessoa com quem a fala está sendo direcionada. No japonês é importante verificar o status social do receptor.

Na língua portuguesa, os pronomes de tratamento são a forma mais correta de demonstrar respeito e preocupação com a face do outro. Desde pequenos, aprendemos a utilizar Senhor, Senhora. Estudamos para quem esses pronomes devem ser utilizados, como devem ser utilizados e em que contexto é utilizado, quase como regra de acordo com as gramáticas tradicionais brasileiras.

Os dois idiomas (português e japonês) utilizam a polidez como forma mantenedora da relação entre dois indivíduos. Porém, o sistema de polidez da língua japonesa como dita anteriormente, extrapola os pronomes de tratamento, enquanto na língua portuguesa, a concepção dessa teoria conversacional consiste apenas em pronomes de tratamento.

Para a realização dessa etapa da pesquisa, foram selecionados dois livros. O primeiro livro de autoria de Mitsuko et al. (2002) é destinado para crianças na idade pré-escolar, com situações práticas referentes ao ambiente escolar e familiar. O livro é dividido por situações cotidianas simples referentes à cultura japonesa, por exemplo: *ongaku kai* “concerto”, *natsu yasumi no omoide* “férias de verão” e *rajio taisou* “alongamento”, entre outros. A partir das situações definidas, cada capítulo possui a seguinte sequência didática: leitura, exposição de uma regra gramatical, exercícios dissertativos e por último, um exercício de conversação para

colocar em prática o que foi aprendido. Por se tratar de um livro didático infantil, o vocabulário das situações é limitado, de forma que contemple apenas as situações com que esse público se depara no cotidiano. É importante destacar que mesmo se tratando de um material para crianças não nativas, o mesmo não possui traduções, pois trata-se de um material a ser utilizado com a mediação do professor em sala com aulas expositivas e não para uso desacompanhado.

O segundo livro selecionado de autoria do Akutsuku et al. (1991) é destinado para adultos que desejam aprender as máximas conversacionais que envolvem a sociedade japonesa. Em comparação ao primeiro livro selecionado, este contém uma variedade maior e mais complexa de termos de polidez, já que é designado para um público mais velho, que precisa compreender as regras de conversação do ambiente de trabalho. Dividido por lições com temas amplos, como *shyoukai* “apresentação”, *yuubinkyoku* “na agência de correios”, *denwa o kakeru* “ligar para alguém”, entre outras situações, compondo ao total oito lições. Inicialmente, o autor introduz os dois alfabetos: *hiragana* e *katakana* com a explicação dos sons desse alfabeto. A sequência didática utilizada é: quadro com vocabulário a ser utilizado durante a lição, com a tradução em inglês; expressões presentes na conversação e notas de gramática, em que são explicitadas as formas verbais e regras de acordo com os níveis sociais. Além disso, no final de toda lição, há um diálogo entre personagens para ilustrar o que foi assimilado.

Sendo assim, devido a limitação de vocabulário encontrado no livro didático infantil e, conseqüentemente, a redução de termos de polidez para a análise, os termos de polidez no quadro comparativo abaixo foram extraídos de um segundo livro selecionado destinado a estrangeiros que desejam aprender japonês de forma prática e focado na conversação

Abaixo será ilustrado o quadro de termos de polidez dos dois livros selecionados explicitados acima. A maior parte dos termos de polidez que se encontram nesse quadro foram retirados do segundo livro, já que o primeiro destinado para crianças, não possui uma variedade de polidez linguística.

Considerando as diferenças significativas de polidez na língua portuguesa e na japonesa, é preciso que os falantes de português, bilíngues ou não, precisem conhecer alguns verbos de respeito e de benefício, os sufixos flexionais que mantêm o respeito em situações conversacionais.

Para a seleção dos termos de polidez do quadro a seguir, foram considerados a regularidade do uso, ou seja, as que são mais comuns no cotidiano de qualquer falante de língua japonesa e principalmente os termos que possuem a função de reconhecimento de

relação, sendo que o falante poderia ser considerado rude, caso não utilizasse expressões que demonstram tal reconhecimento.

Sendo assim, em relação às considerações feitas, em primeiro lugar, quanto aos termos mais comuns, podemos destacar o verbo de respeito *kaeru*, que possui como partícula definidora de polidez, o sufixo flexional *-masu*, podendo ser utilizado em situações em que há a ausência de intimidade, respeito ao cargo, à idade, etc. (KURIHARA; KIKUCHI, 2011).

Posto isso, consideramos que tal partícula definidora é uma das mais importantes da língua japonesa, pela sua presença e regularidade de uso.

Além disso, inserimos as expressões para iniciar uma conversa, como *shitsuree desu ga* e aquelas que demonstram reconhecimento de relação, mesmo que em um primeiro encontro, como a expressão *doozo yoroshiku*, utilizada para introduções, com pessoas da mesma classe social ou até com as que pertencem a uma classe mais alta.

Tais expressões, além dos verbos que possuem sufixos flexionais definidores de polidez, estão presentes no cotidiano da sociedade japonesa, mesmo com aqueles pertencentes a mesma classe social ou até mesmo em situações em que as crianças sejam os falantes. Dessa forma, torna-se necessário o conhecimento dos mesmos para falantes bilíngues e para os que pretendem aprender um segundo idioma.

Portanto, o quadro comparativo possui basicamente a função de apresentar alguns termos importantes para o aprendizado da língua japonesa, que possui muitas regras sociais.

Quadro Comparativo da Polidez Japonesa

Classe Gramatical	Forma Plana	Forma Polida	Partícula definidora de Polidez	Uso
Verbo	<i>iku</i>	<i>ikimasu</i>	- masu	- masu é o termo indicador de polidez adicionado aos verbos para se referir a pessoas distantes socialmente ou apenas a pessoas que não possuem intimidade.
adjetivo	<i>omoshiroi da</i>	<i>omoshiroi desu</i>	- desu	desu é adicionado na forma plana para tornar a frase mais polida
Expressão Iniciar uma conversa	-	<i>shitsuree desu ga</i>	desu e ga	Utilizada para iniciar uma conversa com alguém desconhecido. Normalmente é seguido por My name is Yoshito (yoshito tomou shimasu)

Verbo	<i>matte</i>	<i>matte kudasai</i>	<i>kudasai</i>	
substantivo + kun(meninos) substantivo + chan (meninas)	<i>Yamashita - kun</i> <i>Yoshio - chan</i>	<i>Yamashita -san desu</i> <i>Yoshio - san desu</i>	<i>san e desu</i>	<i>san</i> é utilizado para se referir a pessoas e substitui o termo kun, que é utilizado apenas para se referir a meninos (mais íntimo) e desu é uma partícula adicionada para tornar a frase ainda mais formal.
Verbo de respeito	<i>kaeru</i>	<i>okaeri ni narimasu</i>	o e forma MASU	
Expressão (Introduções formais)	<i>doozo yoroshiku</i>	1- <i>Doozo yoroshiku onegaishimasu</i> 2- <i>yoroshiku onegaishimasu</i> 3- <i>Doozo yoroshiku</i> 4 - <i>yoroshiku</i>	-	1- Muito formal, utilizada para um superior 2 - Utilizada com um superior 3- Utilizada com alguém da mesma classe social 4- Utilizada com alguém abaixo
Sujeito	<i>watashi</i>	<i>watakushi</i>	<i>kushi</i>	<i>kushi</i> é uma forma de referir-se a si mesmo formalmente.
Termo para pergunta	<i>dare (quem)</i> <i>doko (onde)</i>	<i>donata dochira</i>	-	<i>donata</i> é a forma polida de realizar uma pergunta
Verbo de benefício	<i>agueru</i>	<i>sashiagueru e oague ni naru</i>		destinatário superior, grupo externo ou que precisa ser respeitado; destinador superior, grupo externo ou que precisa ser respeitado
Verbo de benefício	<i>morau</i>	<i>itadaku e o morai ni naru</i>		expressa respeito ao destinador, de posição superior ou externo; expressa respeito ao destinatário, de posição superior ou do grupo externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo sobre as teorias de bilinguismo e a amplitude de definições, além da exposição acerca da polidez linguística e as características presentes no japonês e português, foi possível observar a importância dos fatores culturais na compreensão da polidez linguística de uma língua, sendo fundamental, para crianças no contexto de bilinguismo, estar inserida na cultura dos dois idiomas, para assim poder assimilar as regras das máximas conversacionais que envolvem o processo de comunicação das duas linguagens. A escola possui um papel fundamental nessa assimilação, já que precisa compreender os aspectos culturais dos indivíduos para oferecer um aprendizado eficiente.

Mesmo não atingindo um dos objetivos desse projeto de pesquisa, como a observação da rotina escolar de crianças que estão inseridas no contexto bilíngue, devido à falta de instituições que possuam o português e o japonês presentes de forma igualitária no ambiente escolar, a análise, de maneira introdutória conseguiu contemplar os outros objetivos, como a compreensão do processo de aquisição em situações de bilinguismo e as definições de polidez nos dois idiomas, que possuem diferenças significativas no processo de comunicação, já que mesmo possuindo utilizando as formas de polidez como uma maneira de manter a relação, a língua japonesa vai muito mais além do uso de pronomes de tratamento apenas.

Além disso, os livros didáticos selecionados para compor a análise desse projeto, ressaltam os elementos culturais nos diálogos e nos exercícios propostos, levando o aluno, mesmo aquele que não se encontra inserido no ambiente bilíngue, entender o funcionamento do idioma para conseguir aplicar em situações reais. Dessa forma, tornou-se possível analisar a metodologia dos materiais e como é ensinado as formas de polidez linguística para crianças em fase de aquisição de linguagem.

A partir dessa pesquisa, observou-se principalmente no livro destinado às crianças, a utilização de termos de polidez mais simples e que são mais utilizados pelos falantes na cultura japonesa. É importante destacar que mesmo fazendo uso de formas de polidez linguística mais simples, o papel do professor é indispensável, já que o material é feito para ser utilizado em sala de aula, para que o docente expor o conteúdo de forma mais detalhada.

Esse projeto de pesquisa iniciou os estudos a respeito do uso das formas de polidez por crianças em situação bilíngue português/japonês e será aprofundado em outra proposta de pesquisa científica, que irá procurar entender a elaboração das especificidades dos materiais didáticos de língua japonesa para falantes de português.

REFERÊNCIAS

- AZUMA, Satomi Oishi. *Estudos Comparativos dos Recursos de Polidez na Língua Japonesa e na Língua Portuguesa* n.33. São Paulo: Estudos Japoneses, 2013.
- AKUTSUKU, Satoru et al. *Situational Functional Japanese*. Volume one: Notes Tsukuba Language Group. Tokyo: Bojinsha Co. Ltd, 1991.
- APPEL, René.; & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. Amsterdam: Amsterdam University Press, (2005).
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *C.Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday, 1967.

- GROSJEAN, François. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1982.
- GROSJEAN, François. *Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues. Bilingualism: Language and Cognition*. Cambridge University Press, 1998, p. 131-149.
- GRICE, H. Paul. *Logic and conversation*. In: P. Cole and J. Morgan, eds., *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press.
- HAKUTA, Kenji. *Bilingualism and Bilingual Education: A Research Perspective*. NCBE FOCUS: Occasional Papers in Bilingual Education, Number 1, Spring 1990.
- HAKUTA, Kenji. *Mirror of Language: The Debate on Bilingualism*. New York: Basic Books, 1986.
- KURIHARA, Akiko. KIKUCHI, Wataru. *Língua Japonesa ao Alcance de Todos*. São Paulo: Paulo's, 2011.
- LAMBERT, Wallace E. *Some cognitive and sociocultural consequences of being bilingual*. In J.E. Alatis and J.J Staczek (Eds.), *Perspectives on bilingualism and bilingual education*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1985.
- MATSUMOTO, Yoshiko. *Reexamination of the University of face: Politeness Phenomena in Japanese*. Journal of Pragmatics, 1988.
- MITSUKO, Iida et al. *Kodomo no Nihongo*, v.2. Tokyo: 3A Corporation, 2002
- MCLAUGHLIN, Barry. *Second Language Acquisition in Childhood*, v.1: Preschool children. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- WEINRECH, Uriel. *Languages in contact: Findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.